

Poemas de Sônia Queiroz*

Versão Italiana de
Maria Eneida Victor Farias

* Sônia Queiroz, jovem poeta brasileira nascida em Belo Horizonte, em 1953, publicou *O Sacro Ofício*, volume de poemas que recebeu em 1980 o prêmio «Cidade de Belo Horizonte». Além do livro, vem publicando em diversas revistas e jornais do País, tendo recebido vários outros prêmios da *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*. É o caso de «Maturidade» — 1º lugar no 16º concurso de poemas dessa revista.

«Feminae» está na antologia *Palavra de Mulher* (poesia feminina brasileira contemporânea), editada pela Fontana em 1979. «Velhos Papéis» é publicado aqui pela primeira vez.

FEMINAE

a minha carne dói
desta certeza
de animal solto
que tem dono

(este místico pertencer
e ser tão livre)

o meu olho chama
e acha
e chameja
(e já não te pertença
mas ao fogo)

o meu corpo se entrega
e fulge
em ouro teu corpo
(mas já fugi ao sol
deitas-te em brisa)

teço-te teias rendadas
e canto-te canções, eu ave livre
e danço, peixe
dentro e fora d'água
e faço-te mel
e berro teu nome, cabra alucinada

e sei
que se te encontro
logo perco
(este rugir sempre
tão longe e perto
a me chamar, leoa
aos pés do rei)

FEMINAE

la mia carne duole
di questa certezza
di bestia libera
che ha padrone

(questo mistico appartenere
ed essere così libera)

il mio occhio chiama
e trova
e fiammeggia
(e già non ti appartengo
ma al fuoco)

il mio corpo si abbandona
e fulge
in oro il tuo corpo
(ma sono già fuggita al sole
ti stendi in brezza)

ti tesso tele di merletto
e ti canto canzoni, io uccello libero
e ballo, pesce
in acqua e fuor d'acqua
e ti faccio di miele
e grido il tuo nome, capra allucinata

e so
che se ti trovo
subito ti perdo
(questo ruggire sempre
così lontano e vicino
a chiamarmi, leonessa
ai piedi del re)

MATURIDADE

a isto chamaremos
amor:
este estado de alma
entre a tolerância
e o tédio

a absoluta complacência
com a carne
e não só a carne:
aprenderemos a conviver
com todos os desejos.

e abandonaremos
sem pena
todos os sonhos loucos
os arrebatamentos
da paixão

que amor não é
chama
é acha
com que queimamos o tempo
calmamente.

MATURITÀ

a ciò chiameremo
amore:
questo stato d'animo
tra la tolleranza
e il tedio

l'assoluta compiacenza
verso la carne
e non solo la carne:
impareremo a convivere
con tutti i desideri.

e abbandoneremo
senza pena
tutti i sogni matti
le estasi
della passione

ché amor non è
fiamma
è un pezzo di legno
con il quale bruciamo il tempo
calmamente.

VELHOS PAPÉIS

o amor é então essa matéria
que decomposta
jamais se recompõe

entretanto permanece
assustadoramente intacto
o amor em seus restos
imortal

e assim da mesma forma somos
impossibilitados
de nos perdermos nele e
de perdê-lo

pois quando distantes
já vamo-nos esquecendo
ele nos reaproxima
e nos retoma

real e divino
ele nos sublima
e nos supera.

VECCHIE CARTE

l'amore è dunque codesta materia
che scomposta
 giammai si ricompone

frattanto permane
paurosamente intatto
l'amore nei suoi resti
immortale

e così allo stesso modo
ci diviene impossibile
perderci in lui e
perderlo

poiché quando lontani
già andiamo dimenticando
lui ci approssima
e ci riprende

reale e divino
ci sublima
e ci supera.